

## **XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã**

**Tema central:**

**Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes  
colaborativas no contexto da pandemia**

**22 a 24 de junho de 2021, online**

**Iniciativa e Realização**

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,  
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design– **FAAC**

Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

---

### **GRUPO DE TRABALHO CULTURAS POPULARES, IDENTIDADE E CIDADANIA**

**Festa e Pandemia: o Gambá de Pinhel como prática de resistência e fé.**

Paula Maryse Hoyos Lima  
Célia Regina Trindade Chagas Amorim  
Universidade Federal do Pará/UFPA

**Resumo:** O Gambá de Pinhel é uma festa popular da Amazônia com mais de 300 anos que nasceu das relações estabelecidas entre indígenas, afrodescendentes e membros da igreja católica. Em 2020, essa manifestação foi duramente atravessada pela pandemia da Covid-19. Este artigo tenta compreender os atravessamentos deste cenário pandêmico na configuração da festa e a relação da comunidade com os festejos, tendo em vista que medidas para preservar a saúde e a vida tornaram-se prioridade em detrimento de festas, aglomerações e interações corpo a corpo. A coleta de dados foi realizada por meio de relatos informais, em um período de 20 dias do mês de abril e apontou que a doença impactou as folias, mas não mudou o sentimento de pertencimento, resistência e fé da comunidade.

**Palavras-chave:** Gambá de Pinhel; pandemia; resistência; fé.

## **Introdução**

A pandemia da Covid-19 chegou ao país trazendo para os brasileiros e brasileiras a sensação de uma estranha comunhão de destinos (Santos, 2020, p. 7). Essa situação afetou não apenas os grandes centros urbanos, mas também comunidades afastadas, como aquelas localizadas nas regiões mais longínquas da Amazônia. É o caso da comunidade de Pinhel, que está situada na margem esquerda do rio Tapajós, pertencente ao município de Aveiro, no Estado do Pará, Região Norte do Brasil. Os impactos da pandemia nesta comunidade talvez possam ser considerados pequenos se comparados à quantidade de vidas perdidas em cidades vizinhas como Santarém ou Itaituba da mesma Federação, no Pará, ou até mesmo em outros Estados brasileiros, porém, as perdas culturais imateriais podem ter sido significativas do ponto de vista antropológico, sociológico e comunicacional.

Isto porque, em Pinhel, há mais de 300 anos, sobrevivem os festejos a São Benedito que reverberam cantigas com o sabor do tarubá e ao som do batuque do gambá, tambor de madeira confeccionado com tronco oco de madeira e pele de animal. O nome desse instrumento também dá nome à festa e, por isso, a festa de São Benedito é a festa do Gambá. Segundo moradores da comunidade, a festa tem origem indígena, com interferência do catolicismo e encontro com religiões de matriz africana. Uma tradição secular que carrega em sua história lutas, resistência e cultura popular.

Essa construção multicultural da festa do Gambá, para Ávila (2016, p. 155), é mais do que uma “dança folclórica”, é uma rica tradição que resiste ao tempo como cultura viva do povo de Pinhel. E como um organismo vivo, passou por diversas modificações ao longo do tempo, porém mantendo seu elo identitário preservado e tornou-se um momento de resgate do sentimento de coletividade e também de identidade dos nativos. A festa é, então, uma oportunidade para reafirmação do papel de cada sujeito dentro da comunidade.

Krenak (2019, p. 9) nos diz que se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo que compartilhamos. Por esse motivo e levando em consideração o valor cultural da festa e a riqueza simbólica que transita dentro dessa importante expressão popular, este artigo tem a intenção de compreender o quanto a pandemia da Covid-19 impactou os modos de ser e de fazer a festa do Gambá em Pinhel a partir de 2020, tendo em vista que medidas para preservar a saúde e a vida tornaram-se prioridade em detrimento de festas, aglomerações e interações corpo a corpo.

Este artigo se constrói com base em informações coletadas a partir de entrevistas informais com participantes da festa, além de pesquisas em literaturas relacionadas à história e dinâmica de realização dessa festividade. Tendo em vista a escassez de registros sobre a festa do Gambá de Pinhel, este é o primeiro passo para reflexões com intenção de aprofundamento desses estudos futuramente.

O artigo inicia apresentando um breve relato histórico sobre a comunidade de Pinhel, dando especial atenção para histórias que foram sufocadas ao longo do tempo e que acabaram sendo substituídas por literaturas escritas pelos vencedores sendo contadas por eles próprios (Santos, 1997, p. 108). A partir dessa perspectiva histórica sobre Pinhel, o artigo vai tratar especificamente sobre a festa do Gambá utilizando as conversas informais para a construção da trajetória desse evento no período que antecede a pandemia da Covid-19. O objetivo é identificar dentro dessas falas as trocas simbólicas que aconteciam dentro da festa e o que mudou após o cenário pandêmico. Por último, será apresentada a nova forma de festejar o Gambá a partir de 2020, focando especificamente no novo formato que foi dado à festividade e o impacto “desse novo” na construção social dentro da comunidade.

## **NOTAS SOBRE RESISTÊNCIA**

A história de Pinhel vem atravessando séculos de muitas lutas e resistência. Boa parte dessas memórias foram sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante (Krenak, 2009, p. 10) de missionários e colonizadores. Santos (2020, p.12) coloca que a invisibilidade desses povos decorre de um sentido comum incalcado nos seres humanos pela educação e pela doutrinação permanente das classes dominantes. Já Paulo Freire (2011, p. 54) vem nos dizer que quem atua sobre os homens para doutriná-los, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores. A outra parte dessa história sobrevive até hoje na memória dos nativos que transmitiram relatos, crenças e histórias através da oralidade de geração para geração. Aos poucos essas histórias estão saindo de Pinhel e começando a ocupar espaços dentro das Academias e também dos livros de história.

Nas palavras de Vaz Filho (2018, p. 4), desde 11.200 anos a região da Amazônia já é território dos antepassados indígenas. Por isso, antes mesmo da chegada dos europeus em busca das drogas do sertão e de suas tropas de resgate atrás de escravos indígenas, o território de Pinhel já era habitado. E esses primeiros moradores produziam suas próprias ferramentas, cultivavam seus próprios alimentos e batizaram áreas como Itepu, Cumarú, Uruá, Apiaká,

Itacoã, Baraúna e Bajadó (Vaz Filho, 2018, p. 5). Também se dedicavam às práticas espirituais com rituais e entidades próprios.

Em 1722, no território que está situada a Pinhel de hoje, foi criada uma missão jesuítica pelo padre José da Gama, que foi chamada de São José dos Maitapus (Almeida, 2001, p. 57). A presença dos jesuítas alterou totalmente a rotina de comunidades como Pinhel, pois as missões impunham a todos uma doutrinação aos dogmas e rituais católicos, o que levou ao conseqüente sufocamento das crenças indígenas. Essa era a realidade não apenas da Amazônia, mas do Brasil inteiro tendo em vista o avanço ascendente das missões religiosas em território nacional. Uma guerra cultural que, segundo Krenak, tinha o objetivo de transformar essas populações em civilizados que poderiam integrar o clube da humanidade (2019, p. 14).

A doutrinação religiosa não foi a única forma de domesticação utilizada pela Igreja. Vilela (2015, p.2) nos diz que o cristianismo se apropriou de datas reverenciais consideradas pagãs para facilitar a catequese dos pagãos e esvaziar ideologicamente suas comemorações. Os missionários que chegaram a Pinhel entendiam as crenças dos nativos como falsas e mentirosas e os rituais demoníacos (Vaz Filho, 2018, p.10), ideias que esses sujeitos sequer conheciam. Havia uma resistência à doutrina católica, porém os missionários usavam de violência para punir os que não aceitavam a catequização. A grande maioria “aceitava”, porém buscava silenciosamente formas paralelas para seguir com a crença nos espíritos encantados.

A Igreja, então, começou a buscar saídas para se aproximar dos indígenas. Vaz Filho (2018, p.11) coloca que na metade do século XVIII os missionários passaram a permitir que dentro das festas católicas os nativos pudessem fazer suas danças e beberagens, mais ou menos do jeito que queriam. E isso foi fundamental para que houvesse uma maior penetração do catolicismo dentro das comunidades.

No entanto, essa atitude não foi suficiente para conquistar os nativos de Pinhel e por isso, houve a expulsão dos jesuítas desse território em 1757. Dessa forma, as comunidades ribeirinhas da Amazônia passaram a ser administradas por “diretores de índios” designados pelo Estado do Pará e alguns padres diocesanos enviados pela igreja católica. Sem as missões, muitos indígenas abandonavam seus locais de origem e partiam atrás de localidades em que não houvesse a presença de brancos. Nesse grande “caldo cultural” (Vaz Filho, 2018, p. 12), não apenas índios se deslocavam, mas também os negros chegavam até Pinhel e levavam com eles instrumentos musicais e crenças que acabaram se fundindo com o que já existia ali.

Essa explosão cultural também levou para Pinhel novos horizontes políticos e, conseqüentemente, começaram a surgir grupos de resistência à presença dos brancos. Em 1757, houve um enfrentamento entre indígenas e o “diretor dos índios” que administrava Pinhel, onde aquele perdeu a vida. Esse foi apenas um dos muitos motins organizados por nativos de Pinhel. Oitenta anos depois, explodia em Belém uma revolução que teria ramificações também em Pinhel: a Cabanagem. A revolução social dos cabanos deixou mais de 30 mil mortos entre mestiços, indígenas e africanos, pobres ou escravizados (Ricci, 2007, p.2).

Pinhel ficou conhecida como o local de maior resistência cabana no baixo Tapajós depois de Cuipiranga (MELO, 2015, p. 188). Acontece que a posição geográfica de Pinhel era privilegiada por estar localizada em um terreno alto, com vista panorâmica do rio, de onde era possível avistar os navios e também atacá-los. O derrame de sangue foi grande e as marcas da Cabanagem seguem em Pinhel nas trincheiras de 20 metros de altura que ainda estão por lá.

Eventos como a Cabanagem e o Gambá do passado seguem vivas na memória coletiva de Pinhel. Para a comunidade, lembrar esse passado é motivo de orgulho, mas nem sempre foi assim. Ricci (2007, p. 5) coloca que apenas em 1930, com os escritos de Caio Prado Júnior, é que surgiu a prerrogativa dos cabanos terem sido os únicos revolucionários populares e partidários de ideias libertários que conseguiram tomar o poder.

A festa do Gambá também foi gestada nesse ambiente de muitas lutas. Segundo Vaz Filho (2018, p. 17), o Gambá carrega em seu bojo resistência e muita teimosia. Esse estado de “crise permanente” (Santos, 2020, p.5) que viveu a comunidade de Pinhel durante muitos séculos, rompeu a barreira do tempo e revelou a Pinhel contemporânea que continua com suas lutas em favor de uma experiência como comunidade (Krenak, 2019, p.12).

## **O GAMBÁ ANTES DA PANDEMIA**

A festa do Gambá, ou festa de São Benedito, é celebrada anualmente de 28 a 30 de junho na comunidade de Pinhel, distrito de Aveiro, localizada na margem esquerda do rio Tapajós. A festa é uma das que, por conta das missões jesuíticas, como nos diz Rodrigues (2009, p. 243), esbarrou com o catolicismo que reformava e disciplinava as festas lúdico-religiosas populares, sob o pretexto de oferecerem risco à ordem, à lei e aos costumes dito civilizados. Vaz Filho (2018, p. 3) coloca que a festa do Gambá em Pinhel é realizada por iniciativa de leigos e relativamente fora do controle eclesiástico.

Dentro da comunidade, a festa do Gambá movimenta o povo já no início do mês de junho com queima de fogos logo no dia 01. Dias antes da festa oficial iniciar, a comunidade começa a se movimentar e Pinhel entra no clima do Gambá. Há relatos de que há 100 anos atrás haviam muitas outras festas nesse período que antecedia a folia principal. Geralmente eram festejados outros santos católicos com o Santo Antônio e São João, uma espécie de preparação para festejar São Benedito.

Os trabalhos iniciam com a divisão das equipes que serão responsáveis pela limpeza, ornamentação da Vila e também pelo preparo do tarubá, que é a bebida que vai ser consumida pelos foliões durante a festividade. Quinze dias antes da festa iniciar, gambareiros – como são conhecidos os homens que tocam o Gambá - e mestre cantor saem em pequenas embarcações para visitar comunidades próximas a Pinhel. É a *esmolação*, momento em que haverá a doação de alimentos perecíveis e não perecíveis que serão servidos durante a festividade.

Na semana da festa já se observa um movimento mais acelerado dentro da comunidade. As famílias se voltam à ornamentação das casas e dos altares que vão receber a visita da imagem de São Benedito, mais conhecido como o “santo preto” para os moradores de Pinhel. Nesse momento, ao andar pela comunidade já se vê o colorido nas ruas e no salão ao lado da Igreja.

No dia 28, ainda na madrugada, o mestre cantor segue junto com gambareiros e seus tambores, rec-rec e maracá para a Alvorada. Às duas horas da manhã esse grupo sai em procissão passando de casa em casa para a esmolação do Santo, recolhendo alimentos na própria comunidade. O ritual segue até o amanhecer, quando o sol nasce e se ouvem os primeiros fogos de artifício que anunciam a abertura oficial dos festejos. Ao mesmo tempo, atracam os primeiros barcos dos devotos das comunidades e cidades vizinhas. Todos são recebidos na praia pela imagem de São Benedito ao som do batuque forte do Gambá. Após uma breve oração, ainda na beira do rio, os visitantes recebem o banho de cheiro feito com várias ervas, troncos de certas árvores e o patchouli com a finalidade de atrair bons fluidos. (SILVA, 2017, p. 7).

Após esse momento, todos seguem em procissão até o centro da comunidade. No trajeto é possível observar alguns personagens da Festa segurando bandeiras brancas e vermelhas. O andor com a imagem de São Benedito é conduzido por duas pessoas, uma de cada lado. Logo atrás, seguem os músicos que carregam os instrumentos que dão ritmo à Festa: o mestre cantor com a “caixinha”, os gambareiros com os tambores do gambá, rec-rec e maracás.

Na chegada ao espaço em frente à Igreja, sob o olhar atento de muitos festeiros, o mastro começa a ser enfeitado com frutas, bebidas e folhagens. Esse é um papel exclusivo das

mulheres. Enquanto isso, alguns homens se ocupam em cavar o buraco onde o tronco será levantado ao final do dia.

Ao mesmo tempo, outro grupo de mulheres se reveza na finalização do tarubá para a festa que irá iniciar algumas horas depois. O tarubá, é um elemento de resistência simbólica, uma bebida sagrada dos indígenas que deriva de uma raiz – a mandioca, e que com seus efeitos inebriantes sempre fez parte dos rituais indígenas (DIAS, 2019, p.51).

No final do dia, ao som do Gambá, o mastro é levantado pelos homens no espaço gramado em frente à Igreja. No topo, a bandeira de São Benedito é fixada. Em seguida, todos seguem para o espaço da Igreja onde são entoadas as ladainhas, que são canções em latim com preces a São Benedito e Maria Santíssima. Após o término desse momento, todos se dirigem ao salão ao lado onde haverá distribuição de café com biscoitos, além de apresentação do Gambá e de danças populares como quadrilha e carimbó.

Dentre as apresentações, observamos uma em particular que é toda ao som do batuque do Gambá. Nela, há a participação de dois personagens principais: o Rei e a Rainha. Eles dançam em círculo arrastando os pés de um lado para o outro. Ao redor deles dançam várias crianças. Após as apresentações, inicia a festa dançante com som mecânico.

No dia 29, a programação reinicia com o torneio de futebol que tem a presença de times de comunidades vizinhas e é sempre muito aguardado. À noite novamente acontece a ladainha em latim com louvores a São Benedito e ao final distribuição de café com biscoitos. No barracão, uma festa dançante inicia com a participação de centenas de pessoas das comunidades vizinhas.

O dia 30 é o encerramento da festa de São Benedito. Acontece a *varrição*, que é quando a comunidade canta e dança livremente, sem se prender a ritos. O único momento que pode ser considerado um rito oficial é a derrubada do mastro, onde cada pessoa pode pegar o machado para tentar derrubá-lo. Quem conseguir pegar a bandeira que está fixada no topo do mastro será o próximo juiz da festa, ou seja, a pessoa responsável por toda a organização do ano seguinte.

## **O GAMBÁ DE PINHEL E A COVID-19**

Com a chegada da pandemia da covid-19 no interior da Amazônia, houve a imediata suspensão de toda e qualquer manifestação que provocasse aglomerações. Por isso, muitas festas seculares que aconteciam nesses territórios não foram realizadas. Em Pinhel, a festa do Gambá não ocorreu em 2020. Apenas uma queima de fogos e tímidos batuques do Gambá na

madrugada do dia 28 marcaram a festa que geralmente acontece durante 3 dias de forma bastante intensa.

A moradora Maria Cleodete Santiago conta que a comunidade decidiu não homenagear São Benedito em 2020 porque

“o santinho preto quer que a gente faça o que for possível, sem que ninguém faça mal a ninguém. Estávamos no meio da pandemia e ainda nem entendíamos direito o que estava acontecendo, o que era a covid. Não era momento pra fazer festa. Cada um agradeceu de casa mesmo. São Benedito entende a nossa vida, as nossas lutas melhor do que qualquer pessoa”. (SANTIAGO, 2021)

O relato de Cleodete coincide com mais 11 coletados ao longo dessa pesquisa. Outra coincidência é o fato que os entrevistados não demonstram arrependimento na suspensão da festividade nesse ano. Ao contrário, dizem que estão guardando energias para comemorar o final de tempos tão difíceis com uma grande festa pelas graças recebidas por São Benedito.

Não há registros de mortes causadas pela covid-19 na comunidade e nem casos confirmados de pessoas infectadas pelo vírus. O isolamento geográfico natural, as medidas restritivas com a suspensão da festa e as bençãos de São Benedito são, para os moradores da comunidade, o motivo pelo qual Pinhel ficou protegida da contaminação.

Todas as 50 famílias que moram em Pinhel já receberam as duas doses da vacina contra a Covid-19 através da Secretaria de Saúde do município de Aveiro do qual fazem parte. Os moradores se reconhecem como indígenas da etnia Maytapu e por isso fizeram parte da primeira etapa da campanha de vacinação que aconteceu no mês de janeiro de 2021.

Este ano, ainda não se sabe como será, porém a comunidade está se preparando para uma versão mais reduzida da festa, uma forma de agradecer ao Santo pelas graças recebidas durante a pandemia.

“Em 2021 a gente tá se organizando pra fazer nosso Gambá, né? Vamos cantar umas ladainhas no barracão, distribuir uns biscoitos e fazer uma procissão pequena com a imagem passando pela frente das casas. Não é o que a gente tá acostumado a fazer, né? Mas também a gente não acha certo receber nossos irmãos de Cametá, Aveiro e Santarém pra bricar a festa com esse virus por aí”. (SANTIAGO, 2021)

Nos relatos, observar-se a devoção ao Santo e ao mesmo tempo a preocupação em proteger a comunidade de algo externo que possa interferir na vida de todos. Seu Ercio Vaz, nascido e criado em Pinhel, relata que em toda sua vida nunca pensou em um dia ver a festa sendo suspensa por conta de um vírus. Embora tenha sentido muito medo antes da imunização,



ele fala que o Santo protege Pinhel de todo o mal e que foi através dele que a vacina chegou até a comunidade.

Observa-se, então, que mesmo com a ausência da festa no formato tradicional com ritos, ladainhas e batuques, a comunidade mantém profunda conexão com o sentimento de devoção ao Santo. Ao mesmo tempo em que manifestam saudade da festa, os entrevistados acreditam que no futuro poderão novamente retomar aos moldes tradicionais, mesmo que o retorno seja gradual por conta das aglomerações.

Seu Ercio Vaz fala que a festa do Gambá é uma oportunidade para que todos se encontrem e brinquem juntos, porque

“aqui a gente trabalha na roça com cultivo de mandioca. A gente quase não tem tempo pra se divertir. Quando chega a época do Gambá a gente fica muito feliz porque é um tempo que a gente tem para dançar, tomar tarubá, tem torneio de futebol que é muito legal. A gente é muito simples aqui. A gente sente falta dessas coisas, mas entende que vai voltar tudo depois”. (VAZ, 2021)

## À GUIA DE CONCLUSÃO

A nova forma que o Gambá de Pinhel assumiu após a Covid-19 é algo que alterou bastante o ritmo da comunidade. As atividades coletivas que envolviam a decoração do barracão, a esmolação nas comunidades vizinhas, as procissões, a levantação do mastro, o preparo do tarubá e as ladainhas foram suspensas. Mas sobreviveram os foguetes que marcaram o início e o final da festa e os-batuques do Gambá, sem participação popular. Os relatos dos moradores apontaram, por exemplo, que a fé em São Benedito não sofreu modificação. A comunidade segue com as orações em casa e esperam ansiosos o momento certo para o pagamento de promessas, esmolação e procissões após a pandemia.

Dito isto, o Gambá se mostrou muito mais do que apenas uma manifestação religiosa. De acordo com os entrevistados, a festa representa para Pinhel a capacidade que a comunidade tem de se organizar em uma comemoração coletiva, de superação de todas as dificuldades do dia a dia e um momento no qual todos são protagonistas. Por 3 dias, Pinhel se apresenta como uma sociedade particular onde não existem diferenças de classes e todos são iguais.

E esse sentimento de pertencimento e igualdade é o que constitui a população de Pinhel como grupo ou comunidade (VAZ FILHO, 2008, p. 24). Além disso, o fato da festa não ter

qualquer controle eclesiástico e ser uma manifestação do povo de Pinhel, faz da festividade uma conexão com sua territorialidade, com sua história, sua cosmologia e sua identidade (VAZ FILHO, 2008, p. 27).

A ousadia em manter a festa mesmo diante de toda a imposição dos jesuítas, mesmo depois de tanto sangue derramado em lutas armadas como a Cabanagem e também diante da resistência da Igreja em aceitar a festa do Gambá, escancara a identidade de Pinhel que a história tentou eliminar.

Uma característica curiosa da festa é a ausência de espetacularização como acontece em muitas festas de Santo na Amazônia. A manutenção dos dias 28, 29 e 30 de junho como datas fixas, independente do dia da semana, acaba sendo um obstáculo para quem quer visitar Pinhel apenas para a festividade. Isso não quer dizer que a festa esteja fora do circuito mercadológico, tendo em vista que durante os três dias existem famílias que investem em venda de bebidas alcoólicas e não alcoólicas em Pinhel, além da contratação de bandas de Santarém e de comunidades vizinhas para a festa dançante.

Porém, esse fato não muda o sentimento de pertencimento que a festa do Gambá provoca nos moradores, sobretudo no último dia, quando se sentem livres para dançar e tomar tarubá na *varrição*. Portanto, além da conexão com o divino e com o sobrenatural através das rezas, é no momento do “estar junto” que a conexão com as raízes indígenas, africanas e cabanas acontece.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Do Sonho e da Terra. A humanidade que pensamos ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2020.
- FERREIRA, Maria Nazareth. Comunicação, **Resistência e Cidadania: As Festas Populares**. Comunicação e Informação, V.9, nº 1: p. 111-117, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 50ª ed. 2011.

RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840.**

SANTOS, Boaventura de Souza. **Uma concepção multicultural de direitos humanos.** Lua Nova [online]. 1997, n.39, pp.105-124.

MELO, *Wilverson Rodrigo Silva de.* **Tempos de revoltas no Brasil Oitocentista: Resignificação da cabanagem no baixo Tapajós (1831-1840).** 2015, 271f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Festividades Mestiças na Amazônia.** História Revista, V. 14, n. 1, p. 235, 259., jan/jun, 2009.

VILELA, Ney. **Festas Juninas: Rituais Pagãos.** CADUS: Revista de História, Política e Cultura, V. 1, n. 1, São Paulo, julho, 2015.

ALMEIDA, Rita Heloísa de. **Relatório de viagem ao rio Tapajós.** Ministério da Justiça, Fundação Nacional do Índio, Brasília, julho de 2001.

SILVA, Lucielma Lobato. **Entre cheiros e garrafadas: o trabalho das vendedoras de cheiro nas feiras públicas de Belém do Pará em 1830-1890.** Dossiê: Trabalho e Educação Básica V. 11, n. 16, p. 238-253. Jun, 2017.